

DESINFORMAÇÃO, *DEEP FAKE* E FRAUDE: UMA OFICINA DE EDUCOMUNICAÇÃO

CAROLINE GARCIA QUINCOZES¹; FELIPE BOETTGE DOS SANTOS²; JAIME LUCAS CARAMÃO DE MATTOS³; SILVIA MEIRELLES LEITE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – carolinegarciaq8@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – felipesbd@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jaimelucas99@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Desinformação, *deep fake* e fraude” foi uma oficina ministrada semanalmente, no período de 19 de setembro a 10 de outubro de 2024. A proposta tem como objetivo promover o debate e a análise de informações e desinformações que circulam nas redes sociais, a fim de investir em uma leitura crítica e reflexiva da circulação de informação em ambiente digital e no combate à desinformação.

O projeto foi desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas, para alunos do ensino médio e ingressantes da UFPEL no semestre de 2024/1. A maioria dos participantes da oficina eram do curso de Jornalismo, no entanto, estudantes de outras áreas – como as Ciências Biológicas e a Engenharia Eletrônica – e outras escolaridades – Ensino Médio – também fizeram parte do projeto. A oficina foi criada como resultado do componente curricular Educomunicação, do curso de Jornalismo.

A educomunicação é uma área de estudo relativamente recente e que vem passando por diversas mudanças ao longo do tempo. SOARES (2000) diz que a educomunicação é um campo de pesquisa que relaciona outros dois campos – educação e comunicação – mas que produz sentido por si mesmo, discutindo os contextos socioculturais, comunicacionais e educacionais de forma conjunta, reconhecendo a importância da interação entre essas duas esferas.

Considerando-se o cenário de desinformação, que é preocupante, torna-se importante instruir o público sobre a circulação de (des)informação nos ambientes digitais e sobre como identificar a veracidade de informações que são expostas nas redes sociais. Para tanto, utilizamos o método da pesquisa-ação, que é uma estratégia para professores e pesquisadores que visam desenvolver e aprimorar o seu modo de ensino, promovendo a autorreflexão.

2. METODOLOGIA

Conforme TRIPP (2005), é importante reconhecer a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação e que este, por sua vez, é um termo usado para qualquer processo que siga um ciclo de aprimoramento da prática pela mutabilidade sistemática entre agir e investigar a prática, que consiste em planejamento, implementação, descrição e avaliação.

Resumidamente, a pesquisa-ação compreende-se por um formato que integra técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação escolhida para melhora da prática e, mesmo que seja pragmática, diferencia-se completamente da pesquisa científica tradicional.

O projeto foi desenvolvido com base na análise de casos em que ferramentas, como *deep fake*, foram usadas para manipular vídeos, imagens e sons com o propósito de desinformação ou fraude. A exposição dos casos partiu de exemplos que envolvem o jornalismo, celebridades, grandes empresas e até jogos de azar, apresentando como essas práticas podem enganar o público em benefício próprio de golpistas.

Em três encontros, três aulas expositivo-dialogadas foram realizadas nas quais esses temas foram discutidos de forma aprofundada, com foco em como identificar, reagir e combater esse tipo de manipulação, seja nas redes sociais ou no cotidiano de suas vidas. E, para isso, foram produzidos materiais de instrução para o combate das *fake news*, análise dos vídeos e exemplos de reações das empresas ou celebridades e como as agências de checagem reagiram a essas situações.

No primeiro encontro, a ênfase da aula foi a desinformação; no segundo, o tema central foi na manipulação de imagens e vídeos e o uso de *deep fake*; enquanto a ênfase do último encontro foi o uso de desinformação, manipulação de imagens e *deep fake* com o objetivo de fraude.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Por meio de uma apresentação de slides, o conteúdo escolhido para o primeiro dos três encontros foi Jornalismo, notícia e desinformação. O objetivo da aula foi situar os participantes em assuntos como as áreas de atuação do Jornalismo, as funções e o que constitui uma notícia, estabelecendo assim as bases para todo o debate sobre o que é uma *fake news* e como identificá-la.

O conceito de *fake news* foi constituído utilizando os detalhes que traçam o que é notícia para a diferenciar a *fake news* da realidade, tratando também sobre como ela afeta nossa vida e trazendo exemplos recentes para aproximar os conceitos à realidade dos participantes.

O questionamento “Você já acreditou em uma *fake news*?” foi um dos nortes do nosso diálogo com os participantes sobre experiências próprias ou de pessoas próximas, como foi o caso de um estudante que comentou sobre o seu pai e a frequência com que é atraído pela desinformação. Utilizando essa parte da conversa como um gancho, foram propostos exercícios nos quais disponibilizamos algumas manchetes e pedímos que eles pesquisassem em seus celulares para conferir a veracidade de cada exemplo. Isso foi repetido algumas vezes, com o adicional de que comentássemos em conjunto as etapas até a descoberta se ela era verdadeira ou falsa.

Por fim, foram apresentadas oito formas de como saber se algum texto é falso, concluindo o encontro com a etapa final para o combate a desinformação, sua identificação e reação a essa descoberta. Assim, comentando conselhos sobre o que se fazer quando se compartilha uma *fake news* sem intenção.

Ainda no primeiro encontro, uma das participantes perguntou sobre o que fazer em situações onde o veículo oficial possui um viés que tira da informação sua total credibilidade. Esse questionamento foi resultado de toda a discussão da aula, e nos permitiu discutir, depois, sobre o fato de veículos de mídia — e pessoas — terem vieses de acordo com o que defendem e que isso pode interferir na comunicação. A solução apresentada, como já havia sido apontado durante a aula, é uma ampla pesquisa em diferentes fontes, para um conhecimento mais ampliado do assunto.

No segundo encontro, o tema foi a manipulação de imagens e *deep fake*, a partir da qual foram contextualizadas as formas de se realizar manipulação e o conceito de uma *deep fake*. Uma série de exemplos foi apresentada aos participantes, começando pelos mais leves e descontraídos — como montagens, vídeos onde pessoas tinham o rosto substituído com um viés de humor, etc. —, para que se chegasse ao ponto mais importante: a utilização dessas tecnologias em casos mais sérios, como a política e os danos à honra — como os casos de pornografia gerada através desses recursos.

Dessa forma, apesar de terem sido discutidos temas sérios e pesados, o segundo encontro teve um ar mais descontraído e contou com a interação e comentários dos participantes acerca das falhas e qualidades dos vídeos apresentados como exemplo, aprendendo também sobre as formas de se identificar um vídeo falso ou manipulado, através de determinados elementos.

Já o terceiro e último encontro, foi destinado para a fraude e os golpes que utilizam desinformação, manipulação, *deep fake* ou todas as três juntas. Servindo, assim, como uma recapitulação de tudo o que foi visto e uma prática exemplificada de como essas situações são cotidianas e cercam todos nós.

De início, o vídeo manipulado onde se simula uma matéria do Jornal Hoje, com o jornalista César Tralli dublado por uma inteligência artificial (IA), foi o ponto de partida para a prática, onde foi solicitada uma análise e identificação de pontos comentados anteriormente que mostram o que tem de errado no vídeo, além de apontarem quais características desse vídeo fazem com que ele seja visto como verdadeiro por pessoas menos instruídas.

A partir deste caso, outros com manipulações menos profissionais foram mostrados, servindo como uma exemplificação da variada gama de possibilidades e utilização dos veículos noticiosos e tecnologias para a tentativa de golpe ou furto de dados. Os participantes foram instigados a fazer a análise de todos os casos de fraude que apresentamos. Assim, eles puderam aplicar na prática todo o conhecimento adquirido com a oficina.

Foi observado que os estudantes matriculados na oficina aderiram ao conteúdo sem grande dificuldade. A partir da análise da reação e desempenho dos participantes, foi possível identificar que determinados tópicos de interesse poderiam ser aprofundados, o que ocasionou em ajustes no planejamento das aulas.

4. CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a realização deste trabalho é relevante para a sociedade, levando em conta que os três encontros do projeto trataram de temas atuais, significativos e que estimulam a conscientização dos jovens no ambiente virtual.

Foi verificada a importância da identificação e pontuação das características que compõem informações falsas e modificadas artificialmente. Ademais, também foi constatada a necessidade de exemplificar as razões das quais transformam esses fenômenos em ferramentas tão potencialmente nocivas à sociedade.

A partir da oficina, observamos a importância deste tipo de projeto, que pode ser levado à comunidade de outras formas — como em escolas —, para instruir o público desde cedo sobre como lidar com a desinformação, a manipulação de imagens e instruir para que as pessoas questionem as tentativas de golpes e fraudes.

Como futuros jornalistas, compreendemos a necessidade da criação de iniciativas que promovam uma postura ativa e responsável na internet, tendo em

vista que fenômenos relacionados à desinformação, como *fake news* e *deep fake*, já fazem parte do cotidiano digital. Futuramente, a tendência é que os casos de cibercrimes aumentem, de forma simultânea à crescente evolução destas ferramentas, que prometem se tornar cada vez mais precisas e realistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, I.O. **EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMPO DE MEDIAÇÕES.** Comunicação & Educação, São Paulo: 12 a 24, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>.

SOARES, I.O. **GESTÃO COMUNICATIVA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO.** Comunicação & Educação, São Paulo: 16 a 25, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>.

SOARES, I.O. **Educomunicação e Educação Midiática:** vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. Comunicação & Educação, Ano XIX, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>.